

Pacote do menor é criticado

O "Pacote do Menor", que o presidente José Sarney assina hoje, em solenidade no Palácio do Planalto, foi criticado ontem pelo candidato do PFL ao Senado, Antônio Venâncio, que não concorda, por exemplo, em que sejam considerados no mesmo grau de alto risco menores com diferentes problemas de comportamento social. O "pacote" prevê a internação, na Funabem, dos menores envolvidos com roubos e tráfico de drogas e também os que recorrem à mendicância e à prostituição.

— Internar essas crianças com problemas diferentes em estabelecimentos da Funabem, como está previsto nas normas do pacote, é simplesmente dar continuidade à prática atual de formação de novos criminosos, pois não é segredo para ninguém que é nessas "escolas", pelo convívio, que as crianças que as crianças que apenas mendigavam ou se prostituíam aprendem também a roubar, a assaltar e até a matar.

Venâncio lembra que "é preciso separar o joio do trigo", acrescentando que se a causa das diversas formas de marginalidade do menor possa ser atribuída unicamente à pobreza, não há justificativa para que o tratamento tenha de ser uniforme.

— A mentalidade de uma criança que vive na mendicância é completamente diferente da que optou por ações criminosas. Claro que o objetivo deve ser o de recuperar a todas, mas em ambientes adequados à nenhuma ou à maior periculosidade, conforme o caso.

Frisando que "os números são trágicos", Venâncio diz que não entende um prazo de apenas três anos para a duração do pacote, argumentando:

— Somente a Funabem assiste hoje 550 mil crianças, das quais 5% são consideradas infratoras, isto é, cometeram roubos, homicídios e outros crimes. Isto quer dizer que a Funabem não atende hoje nem 5% dos menores que estão carecendo de atendimento e assistência social e que, segundo o IBGE, chegam a 36 milhões. E este é um número crescente, exigindo um programa permanente e não uma tentativa de três anos.